



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

A DESCONSTRUÇÃO DO SISTEMA INTERNACIONAL: Geoeconomia e Fragmentação Sistêmica nas Estratégias de Segurança Nacional dos EUA

Vinicius dos Santos Santana¹
Vinidsantana@gmail.com

Pablo Ibanez²
ibanez.pablo@gmail.com

(X) Apresentação Oral (GT)

() Exposição de Banner

GT pretendido: 5

RESUMO

O presente trabalho busca analisar a transição da hegemonia dos Estados Unidos e a consequente desestruturação do sistema internacional contemporâneo frente à ascensão da China, compreendendo o início do século XXI à atualidade. Tal processo ocorre, pois, compreendemos que a manutenção da dominância hegemônica se sobrepõe à preservação das instituições globais quando estas passam a favorecer potências desafiadoras. Assim, objetivamos investigar como a política externa estadunidense tem transitado de uma postura associada à imagem de potência estabilizadora da ordem liberal para um papel de pivô da desordem sistêmica, sobretudo a partir do governo Trump, apontando suas consequências espaciais no que tange à geoeconomia. Para observarmos a atual dinâmica, teremos como fundamento uma abordagem qualitativa, baseada em análise documental de estratégias de segurança nacional e revisão bibliográfica sobre geopolítica e geoeconomia. Esta abordagem nos permitirá analisar a reorganização das relações geopolíticas que tem trazido à tona novas formas de imperialismo e militarismo nesse cenário de crise, uma vez que a atual estratégia de contenção dos EUA busca desconstruir o multilateralismo e cercear o desenvolvimento tecnológico chinês através de sanções e pressões militares sobre o país asiático e seus aliados. Uma vez estabelecida a anomia internacional que dá espaço à decisão pela força, acreditamos na necessidade urgente de uma articulação soberana entre as nações do Sul Global diante do retorno da força bruta nas relações internacionais.

Palavras-chave: Geopolítica; Realismo; Competição entre grandes potências; Multilateralismo; Sul global.

¹ Mestrando, UFRRJ, Seropédica- RJ.

² Doutor, Professor do departamento de Geografia, UFRRJ, Seropédica- RJ.

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

INTRODUÇÃO

O fim da Guerra Fria não foi somente o término da bipolaridade, mas foi sobretudo a consagração dos Estados Unidos como o "Leviatã global". Com base no conceito de "fim da história" de Francis Fukuyama (1992), foi promulgada uma ordem alicerçada no capitalismo neoliberal e na promoção de instituições multilaterais que buscavam replicar, em escala global, o funcionamento e os valores dos Estados Unidos. Em diálogo com o pensamento liberal, a crença, defendida por Robert Keohane e Joseph Nye (2011), na interdependência complexa durante os anos 90, sugeria que a globalização econômica levaria, de forma inevitável, à paz democrática e à gradual irrelevância das fronteiras nacionais e do poder militar bruto.

No entanto, o começo do século XXI nos trouxe uma realidade diferente. A globalização, arquitetada inicialmente como uma ferramenta de difusão ocidental, criou condições para a emergência de um competidor sistêmico inigualável: a China. Como aponta Peter Dicken (2015), em seu livro sobre as transformações globais, a reestruturação das redes produtivas e a nova divisão internacional do trabalho permitiram que a nação asiática deixasse de ser uma simples plataforma de exportação para se tornar um polo de inovação e controle. Dessa forma, o país passou, por meio de um projeto nacional de longo prazo, de uma nação periférica e colonizada a uma potência tecnológica, produtiva e financeira, colocando em xeque a hegemonia americana. Essa ascensão tem desafiado a supremacia dos Estados Unidos, que começaram a perceber nas instituições que fundaram — como a Organização Mundial do Comércio (OMC) — barreiras para a contenção do "dragão oriental".

Nesse contexto, este trabalho investiga como a política externa dos Estados Unidos transicionou de fiadora da ordem para uma força desestabilizadora, movida pela metáfora da "Síndrome de Babel" de José Luís Fiori (2008), onde o arquiteto prefere desestruturar a ordem global a permitir que desafiantes alcancem o seu topo. O problema de pesquisa reside em entender por que o hegemom opta pela desconstrução do sistema internacional atual. A hipótese levantada é que, para os EUA, a manutenção de sua dominância é superior à preservação de qualquer estabilidade normativa ou institucional.

A justificativa para esta investigação reside no fato de que o cenário de 2026 rompeu definitivamente com as ilusões liberais. Observamos que a reação estadunidense utiliza a geoeconomia (BLACKWILL; HARRIS, 2016) não apenas como ferramenta de mercado, mas como arma de guerra fundida a uma Realpolitik agressiva. As recentes ameaças de anexação do Canadá e da Groenlândia pelo governo Trump, somadas a ações de força direta — como a captura de Nicolás Maduro e os bombardeios ao Irã — sinalizam que não estamos diante de uma mera disputa comercial.

A relevância deste estudo para a Geopolítica é evidente ao analisarmos como os fluxos e as redes globais estão sendo deliberadamente fragmentados por ações unilaterais que visam à manutenção de uma hierarquia espacial e política. Ao

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026

Porto Velho-RO

vcongeo2026@unir.br

[@vcongéo2026](https://www.instagram.com/vcongéo2026)

vcongeo2026.unir.br

www.even3.com.br/vcongéo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

focarmos na transição da estratégia americana — da "polícia global" para a "milícia global" — buscamos compreender como a anomia internacional impacta diretamente a soberania dos países periféricos, tornando a integração do Sul Global um imperativo de defesa contra o arbítrio da força bruta.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada a partir de um estudo de natureza qualitativa, no qual buscou-se a compreensão das transições nas relações internacionais a partir de uma análise histórica, dialógica e processual. Este caminho metodológico foi seguido por permitir a compreensão das transformações na hegemonia mundial não como eventos isolados, mas como processos inseridos em uma estrutura de longa duração na disputa por poder.

O percurso da investigação estruturou-se em três etapas principais articuladas entre si: Primeiramente, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre as teorias de hegemonia e interdependência. Esta etapa permitiu confrontar as perspectivas liberais de Keohane e Nye (2011) com a análise crítica de Fiori (2008) e Dicken (2015). A articulação entre esses autores foi fundamental para construir a base teórica que sustenta a hipótese da "Síndrome de Babel", servindo como prisma analítico para os dados coletados.

Em um segundo momento, procedeu-se à análise documental de fontes primárias oficiais. O foco recaiu sobre as *National Security Strategies* (NSS) dos Estados Unidos, abrangendo o período entre 2002 e 2026. O objetivo foi identificar, por meio da análise de discurso e conteúdo, a transição terminológica e estratégica que marca o abandono do multilateralismo institucional em favor de uma *Realpolitik* centrada na contenção de competidores sistêmicos, notadamente a China. Por fim, realizou-se a síntese dos dados à luz do cenário geopolítico recente (2025-2026), relacionando as ameaças territoriais e intervenções militares citadas na introdução com os conceitos de geoeconomia de Blackwill e Harris (2016).

Quanto aos procedimentos técnicos, ressalta-se que o desenvolvimento deste trabalho contou com o suporte de Inteligência Artificial Generativa (Gemini 3 Flash), utilizada exclusivamente como assistente virtual para a revisão gramatical e auxílio na formatação do texto final conforme as normas da ABNT e as diretrizes deste congresso. A construção da argumentação, a análise crítica dos dados e as conclusões apresentadas são de autoria exclusiva do pesquisador, garantindo o rigor acadêmico e a integridade do estudo.

ANÁLISE DE RESULTADOS

A análise dos resultados revela que a desestruturação da ordem internacional contemporânea não é um subproduto acidental da ascensão chinesa, mas uma

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

escolha deliberada do centro hegemônico. A partir do cruzamento entre as *National Security Strategies* (NSS) e os eventos geopolíticos de 2026, observa-se a transição do Estado americano de um "Estado Legislador" para um "Estado Extrator", focado na re-territorialização do capital e na supremacia regional absoluta.

3.1. A Transição Doutrinária: Do Globalismo ao Realismo Nacionalista

O deslocamento discursivo identificado nas últimas duas décadas aponta para o abandono sistemático da imagem de "potência estabilizadora". Ao analisarmos a evolução das Estratégias de Segurança Nacional (NSS), observamos que, durante os governos Bush I e II (2002-2006), o foco central recaía na "Guerra ao Terror" e na promoção da democracia liberal como justificativa para intervenções e reformas institucionais. Esse paradigma começou a ser flexibilizado no governo Obama (2010-2015), que introduziu a "Paciência Estratégica" e o chamado *Pivot to Asia*, sinalizando o início do reequilíbrio de forças em direção ao Pacífico.

Assim, A análise comparativa das NSS revela o abandono do vocabulário de cooperação: enquanto a NSS de 2015 (Obama) mencionava uma "relação construtiva com a China", a NSS de 2017 (Trump) classifica o país como uma "potência revisionista". Ao perceber que as regras do jogo multilateral beneficiavam a China, os EUA passaram a sabotar o próprio sistema.

Nesse sentido, a ruptura definitiva ocorre a partir de 2017 (Trump I), quando a China e a Rússia são formalmente classificadas como "competidores estratégicos". Embora o governo Biden (2022) tenha tentado enquadrar a disputa sob o prisma da "Democracia vs. Autocracia", o cenário consolidado na NSS 2025 (Trump II) revela um "Realismo Nacionalista" radical. Nesta fase atual, o globalismo é substituído por um foco estrito na soberania territorial, justificando inclusive anexações e uma dominação hemisférica agressiva, o que marca o fim da ordem internacional tal como a conhecemos. Nesta fase de "milícia global", o imperialismo estadunidense abandona as justificativas ideológicas para adotar um pragmatismo bruto.

3.2. O Segundo Choque China e a Arma Geoeconômica

A agressividade de Washington fundamenta-se na mudança da base material da disputa, que pode ser compreendida através da evolução dos paradigmas de cadeia de valor. Nos anos 2000, vivíamos a era da "Hiperglobalização", caracterizada pelo *offshoring* desenfreado com foco na China. A lógica econômica dominante era a eficiência e a redução de custos, tratando a nação asiática como o "chão de fábrica" do mundo. Na década seguinte, o paradigma transitou para a "Mitigação de Risco", com a estratégia *China Plus One*, onde as empresas buscavam alternativas no Vietnã ou na Índia para reduzir a dependência sistêmica.

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026

Porto Velho-RO

vcongeo2026@unir.br

[@vcongéo2026](https://www.instagram.com/vcongéo2026)

[vcongeo2026.unir.br](https://www.vcongéo2026.unir.br)

www.even3.com.br/vcongéo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

Já nos anos 2020, sob os conceitos de "Resiliência Estratégica", a prioridade passou a ser o *nearshoring* e o *friend-shoring*, trazendo a produção para perto ou para países aliados políticos. Na atualidade de 2026, atingimos o estágio do "Bloqueio e Autossuficiência". A estratégia agora é o *onshoring* radical e o *decoupling* (desacoplamento). O comércio deixou de ser uma ferramenta de mercado para tornar-se uma arma de guerra explícita, cujo objetivo é asfixiar a China tecnologicamente e internalizar cadeias produtivas críticas, como as de semicondutores e minerais estratégicos, à força.

3.3. Verticalidades Soberanas e Realpolitik de Intervenção

A análise final demonstra que a geoeconomia clássica (BLACKWILL; HARRIS, 2016) fundiu-se a uma *Realpolitik* de intervenção direta. Enquanto a China construiu redes horizontais de comércio, os EUA impõem o controle sobre as redes, pois "(...) o espaço das redes é o espaço das verticalidades, espaços da fluidez, espaços de um tempo rápido, o tempo das empresas e das instituições hegemônicas." (SANTOS, 2006, p. 217). Na Geografia Política, isso se manifesta na tentativa de reterritorialização de cadeias produtivas críticas, buscando fragmentar o espaço geoeconômico para isolar o desafiante oriental.

Dessa forma, os Estados Unidos exercem essa verticalidade ao decidir quem participa das redes de fluidez global. As ameaças de anexação do Canadá e da Groenlândia, a captura de Nicolás Maduro e os bombardeios ao Irã sinalizam que o tabuleiro mudou: a hegemonia comercial chinesa revela-se frágil diante de um poder que utiliza o sequestro político e o controle territorial como ferramentas de negociação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação empreendida permitiu confirmar a hipótese central deste trabalho: a política externa dos Estados Unidos, no cenário de 2026, abandonou definitivamente a função de fiadora da ordem liberal em favor de uma *Realpolitik* de sobrevivência e extração. A transição da "polícia global" para a "milícia global" não é um fenômeno isolado, mas o resultado de uma reconfiguração espacial do poder frente ao "Segundo Choque China".

Concluimos que a Síndrome de Babel manifesta-se na prática através do *decoupling* tecnológico e do protecionismo crescente. Ao tornar a segurança nacional um argumento inquestionável, Washington deslocou o eixo das relações internacionais do Direito para a força bruta. As ameaças de anexação territorial sinalizam que o império prefere a fragmentação do globo a aceitar uma transição sistêmica que coloque a China no centro das redes de valor.

Para a Geografia Política do Sul Global, os resultados apontam para um cenário de anomia. A integração soberana do Sul Global deixa de ser uma opção diplomática

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/



V CONGEO

CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA POLÍTICA,
GEOPOLÍTICA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

Integração regional, emergência global-local
e os desafios à governança

para tornar-se um imperativo categórico de defesa contra o arbítrio de um hegemon que agora atua de forma transacional e extrativista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLACKWILL, Robert D.; HARRIS, Jennifer M. **War by Other Means: Geoeconomics and Statecraft**. Cambridge: Harvard University Press, 2016.

DICKEN, Peter. **Mudança Global: mapeando as novas configurações da economia mundial**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ESTADOS UNIDOS. National Security Council. **National Security Strategy of the United States**. Washington, DC: The White House, 2002-2025.

FIORI, José Luís. **A Síndrome de Babel: a economia política do poder**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FUKUYAMA, Francis. **O Fim da História e o Último Homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph S. **Power and Interdependence**. 4. ed. Boston: Longman, 2011.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da USP, 2006.

Realização:

Rede Brasileira de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território – REBRAGEO

Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET / Departamento Acadêmico de Geografia – DAG-PVH

Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia – PPGG

26 a 31/05/2026
Porto Velho-RO
vcongeo2026@unir.br
@vcongeo2026
vcongeo2026.unir.br
www.even3.com.br/vcongeo-638599/